

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL, *Celpe-Bras*. INEP, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*. Modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Anna Rachel Machado, BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

AQUISIÇÃO DAS LÍQUIDAS /l/, /r/, /ʎ/ EM ATAQUE SIMPLES

Maritana Luiza Onzi (USP)
tanaluiza@hotmail.com

RESUMO

O que se tem disponível nos estudos sobre o desenvolvimento fonológico em crianças brasileiras, referente às consoantes líquidas, é o domínio tardio desses segmentos e as constantes estratégias de reparo até a aquisição completa da classe. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é estudar a aquisição das líquidas /l/, /r/, /ʎ/ em ataque simples. Durante o processo de aquisição da linguagem se observa algo em comum para todas as crianças: a aquisição gradual dos fonemas da língua. E essa aquisição gradual é marcada por estratégias de reparo (LAMPRECHT, 2004), isto é, as crianças adotam estratégias para adequar a fala adulta ao seu sistema fonológico, substituindo segmentos e também estruturas silábicas que não conhecem ou não dominam por algum segmento que faça parte do seu inventário fonológico. A literatura sobre a aquisição da fonologia tem mostrado que, até o domínio de um fonema pela criança, em seu lugar aparece um zero fonético ou é empregado um segmento que o substitui e, quando isso acontece, esses segmentos “substitutos” pertencem à mesma classe fonológica do segmento-alvo, ainda não dominado pela criança. Por exemplo, as líquidas tendem a ser empregadas em lugar de outras líquidas, ou glides tendem a ser empregados em lugar de líquidas, dado que são fonemas que partilham traços fonológicos semelhantes.

Palavras-chave: Aquisição. Fonética. Fonema. Consoante. Líquida.

1. Introdução

Durante o processo de aquisição da linguagem se observa algo em comum para todas as crianças: a aquisição gradual dos fonemas da língua. E esta aquisição gradual é marcada por *estratégias de reparo* (LAMPRECHT, 2004), isto é, as crianças adotam estratégias para adequar a fala adulta ao seu sistema fonológico, substituindo segmentos e também estruturas silábicas que não conhecem ou não dominam por algum segmento que faça parte do seu inventário fonológico.

A literatura sobre a aquisição da fonologia tem mostrado que, até o domínio de um fonema pela criança, em seu lugar aparece um zero fonético ou é empregado um segmento que o substitui e, quando isso acontece, esses segmentos ‘substitutos’ pertencem à mesma classe fonológica do segmento-alvo, ainda não dominado pela criança. Por exemplo, as líquidas tendem a ser empregadas em lugar de outras líquidas, ou glides tendem a ser empregados em lugar de líquidas, dado que são fonemas que partilham traços fonológicos semelhantes.

O que se tem disponível nos estudos sobre o desenvolvimento fonológico em crianças brasileiras, referente às consoantes líquidas, é o domínio tardio desses segmentos e as constantes estratégias de reparo até a aquisição completa da classe. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é estudar a aquisição das líquidas /l/, /r/, /ʎ/ em ataque simples produzidos por uma criança do sexo masculino entre as idades de 2;6 e 4;4 e confrontar essas produções com os resultados encontrados por Mezzomo e Ribas (2004) que, por sua vez, orientam-se pelos trabalhos de Hernandorena e Lamprecht (1997) e Azambuja (1998).

Para uma melhor organização, o presente estudo está dividido em seis sessões: 2) aquisição das líquidas no português brasileiro, na qual estão apresentados os estudos feitos por alguns autores brasileiros referente a essa classe consonantal; 3) questões, aqui foram feitos alguns questionamentos sobre o processo de aquisição dos segmentos líquidos; 4) metodologia; 5) descrição dos dados, oferecemos os resultados encontrados na produção de uma criança e os comparamos com os dados presentes na literatura; 6) possíveis respostas, nesta parte pretendemos elucidar os questionamentos feitos; 7) conclusão.

2. Aquisição das líquidas no PB

Segundo Mezzomo e Ribas (2004), a classe das líquidas é a última a ser adquirida em português, e isso se deve à peculiaridade entre os fonemas e por nesta classe ser possível observar a intensa ocorrência de processos fonológicos ao longo de seu desenvolvimento.

As líquidas são, portanto, os segmentos mais difíceis para produção, tanto do ponto de vista acústico quanto articulatorio, sofrendo maior número de estratégias de reparo. Por esse motivo é largamente estudado pelos especialistas em fonologia (HERNANDORENA & LAMPRECHT, 1997; RANGEL, 1998; AZAMBUJA, 1998; RIGATTI, 2000; MEZZO-

MO & RIBAS, 2004). Estes autores, baseados em *corpora*, mostram a ordenação de aquisição de tais segmentos no português brasileiro e as estratégias de reparo utilizadas pelas crianças até a aquisição completa da classe.

A partir dos estudos de Mezzomo e Ribas (2004), será feita uma descrição dos dados encontrados referentes à aquisição das líquidas. Estas autoras utilizam os trabalhos de Lamprecht (1993), Miranda (1996), Hernandorena e Lamprecht (1997), Rangel (1998), Azambuja (1998) e Rigatti (2000) para escrever sobre essa classe consonantal. Devido aos *corpora* dos autores citados serem grande, os usaremos para confrontar com as produções da criança analisada por nós.

De acordo com Hernandorena e Lamprecht (1997 *apud* MEZZOMO & RIBAS, 2004), que analisaram dados de fala de 310 crianças entre 2;0 e 7;1, a lateral alveolar /l/ é a primeira líquida a ser dominada pelas crianças. É adquirida primeiro em posição de ataque absoluto, como em /lata/, aos 2;8 e aos 3;0 é dominada em ataque medial, como em /bala/.

A aquisição de /ʎ/ é bem mais tardia do que a aquisição de /l/. Em seus dados Azambuja (1998 *apud* MEZZOMO & RIBAS, 2004), analisou produções de 120 crianças entre 2;0 e 4;0, e encontrou que o /ʎ/ pode ser considerado dominado somente aos 3;6. Hernandorena e Lamprecht (1997) postulam uma idade um pouco mais tardia, aos 4;0.

A líquida não-lateral /r/ na posição de ataque simples está adquirida aos 4;2. O domínio do /r/ é o último entre as líquidas. (HERNANDORENA & LAMPRECHT, 1997).

Como as líquidas são as últimas consoantes a ser adquiridas, durante o seu processo de aquisição esses fonemas passam por algumas estratégias de reparo. As descrições dessas estratégias orientam-se pelos trabalhos de Hernandorena e Lamprecht (1997) e Azambuja (1998).

De acordo com Azambuja (1998 *apud* MEZZOMO & RIBAS, 2004) as estratégias de reparo utilizadas na aquisição da líquida lateral /l/ são três:

1. Apagamento do segmento e da sílaba. Neste estudo, o apagamento é o processo mais persistente e mais significativo. A autora dá como exemplo de apagamento de segmento a palavra ‘estrelinha’, que é produzida pelas crianças como [ite'iɲa]; e de apagamento de sílaba o exemplo é ‘televisão’, que é produzida [tevi'zɔ↔w].

2. Semivocalização. Esta estratégia em Azambuja não é muito numerosa. A autora diz que pode ocorrer semivocalização por [w], porém é pouco produtivo. E defende que este processo é fortemente representado pelo glide [j].

Hernandorena (1990 *apud* MEZZOMO & RIBAS, 2004) também afirma que na aquisição de /l/ o glide mais utilizado é o [j], por exemplo, ‘bola’ é produzido [‘boja] pelas crianças, enquanto que o uso de [w] é raramente evidenciado.

3. Substituição. É o processo menos significativo na aquisição de /l/ e envolve um número muito limitado de segmentos, são ele [n] e o [r].

Azambuja (1998 *apud* MEZZOMO & RIBAS, 2004) observa, no processo de domínio de /ʎ/, as seguintes estratégias de reparo:

1. Substituição por [l]. Esse é o processo mais significativo no desenvolvimento de /ʎ/, segundo Azambuja.
2. Semivocalização. Nos estudos da autora, essa estratégia é também bastante significativa, porém tem uma incidência baixa e é representado somente pelo glide [j].
3. Apagamento. Nos resultados de Azambuja esse processo tem incidência baixa.

O uso de estratégias de reparo é bastante frequente com o /r/, tendo sido observadas as seguintes. (AZAMBUJA, 1998 *apud* MEZZOMO & RIBAS, 2004):

1. Substituição por [l]. Essa estratégia tem um grande percentual de ocorrência entre as idades de 2;0 e 2;7, de acordo com os dados da autora.
2. Semivocalizações. Em Azambuja a produção de glide é baixa em substituição ao /r/ sendo a realização de [j] a mais expressiva.

Retomando o que foi apresentado até agora, as informações são as de que dentro desse grupo de sons, as laterais /l/ e /ʎ/ são dominadas antes da não-lateral /r/. No que se refere às estratégias de reparo durante a aquisição dos segmentos em estudo é que 1) o estágio inicial é marcado pelo apagamento da líquida; 2) posteriormente temos ocorrência de semivocalização, ou seja, o emprego de um glide em lugar de uma líquida e 3) substituição das outras líquidas pelo /l/.

Tendo esses resultados em mãos passamos agora às questões.

4. *Questões*

Como visto na seção anterior, os estudos sobre a aquisição das líquidas, no português brasileiro, mostram que essa classe é a última a se estabilizar no inventário fonológico infantil. Estes resultados estão em conformidade com os de outras línguas naturais. Além da aquisição tardia, as consoantes líquidas têm frequentemente o empenho de glides em seu lugar no processo de aquisição de diferentes línguas. Dentre as estratégias de reparo, no português brasileiro, Azambuja (1998) encontrou que a mais produtiva é o apagamento frente à semivocalização e substituição por outro segmento. Tendo este arcabouço teórico, neste artigo consideraremos as seguintes questões:

- (a) aos três fonemas líquidos em estudo é aplicado o processo de semivocalização?
- (b) os dois glides – [j] e [w] – são empregados em lugar de líquidas?
- (c) o processo de semivocalização ocorre no ataque absoluto e no medial?
- (d) a estratégia de substituição ocorre nos três segmentos em estudo?
- (e) o contexto interfere no tipo de estratégia de reparo utilizada?
- (f) pode ocorrer alongamento compensatório nos ambientes que ocorre o apagamento?
- (g) porque a criança adquire as líquidas em idades diferentes e de maneira gradual?

5. *Metodologia*

A nossa proposta é analisar as produções orais de uma criança integrante de um estudo longitudinal, possibilitando avaliar o desenvolvimento do processo de aquisição da fonologia desse informante ao longo de um período de 21 meses. Tornando possível, dessa maneira, a explicitação de diferentes momentos do processo de aquisição das líquidas por ele.

Neste estudo utilizamos dados de fala de uma criança (doravante A.) do sexo masculino quando ele tinha idade entre 2;6 e 4;4, totalizando 21 coletas. O informante é do estado de São Paulo e não possui nenhum problema articulatorio visível. As coletas foram realizadas na casa da cri-

ança, em fala espontânea com integrantes da família. As produções analisadas neste artigo são todas de dados naturalísticos, as coletas foram mensais e duram aproximadamente 30 minutos.

Durante as audições foram feitas transcrições das palavras que continham segmentos da classe das líquidas em posição de ataque simples. Transcrevemos a fala da criança e na sequência como é pronunciada na língua do adulto. Esse recurso foi utilizado por possibilitar a visualização da produção fonética da criança, permitindo uma comparação entre os fones efetivamente produzidos e o padrão a ser adquirido por ela.

Na próxima seção confrontaremos os dados encontrados por Herdandorena & Lamprecht (1997) e Azambuja (1998), pois como falado anteriormente o *corpus* e o número de informantes é maior nos estudos destes autores, com os dados obtidos nas gravações de A. Observaremos se a idade de aquisição das líquidas de A. condiz com o que foi encontrado pelos autores citados. Também olharemos para as estratégias de reparo de A., e ver qual dentre as encontradas na literatura é mais produtiva nos nossos dados.

6. *Descrição dos dados*

Os dados da presente pesquisa evidenciam que A., durante o processo de aquisição fonológica aplica estratégias de reparo, e estas passam por diferentes estágios até o emprego adequado dos fonemas líquidos. Inicialmente ocorre o apagamento do segmento em posição de ataque absoluto, a semivocalização e apagamento em posição de ataque medial. Posteriormente quando a A., tem o /l/ em seu inventário fonológico ocorre a substituição de /r/ e /ʎ/, por /l/.

Os registros do **Quadro 1** revelam que A., na idade entre 2;6 e 3;0, faz uso das estratégias de reparo, entre elas estão o apagamento e a semivocalização nessa fase da aquisição. Não se observou nenhum caso de substituição porque até essa idade A. não tinha adquirido o /l/.

Na contagem das palavras só foram consideradas as que são diferentes, não foram computadas as palavras que eram repetidas em uma mesma gravação. Por exemplo, ‘olho’ apareceu oito vezes na coleta de 2;6 anos, mas foi contada uma vez só, dado que em todas as produções ocorreu o mesmo processo, a semivocalização.

Quadro 1- aplicação de estratégias de reparo por A. com idade entre 2;6 e 3;0

	Apagamento/produções	Semivocalização/produções
/l/	40/92	52/92
/k/	4/25	21/25
/r/	28/82	54/82

O **Quadro 1** evidencia que a semivocalização é bastante produtiva nos dados de A. Em posição de ataque medial, ele semivocaliza onde em seu lugar seria qualquer uma das três líquidas em análise. Exemplos em (5):

(5) cavalo [ka'vajũ]	aquela [a'kɛjə]
abelha [a'bejə]	molhado [mo'jadũ]
buraco [bu'jakũ]	pareço [pa'jesũ]

O apagamento em ataque medial ocorre em contextos que a líquida é precedida ou seguida pelo segmento vocálico /i/. Em (6) vimos alguns exemplos:

(6) Juliana [ʒu'iana]
vira ['via]
pilha ['piə]
historinha [ito'ijə]
coqueiro [ko'keiu]

O alto número de apagamento de /l/ se deve ao fato de A. omitir esse fonema praticamente em todas as vezes que o mesmo aparece em posição de ataque absoluto. Podemos ver essa estratégia em (7). A única palavra que ocorre a semivocalização é *lá*, produzida [ˈjá].

(7) lagartixa [aga TM tʃjə]
liga ['igə]
levanta [e'vãta]
leite ['eitʃi]
lobo ['obũ]
lua ['uə]
lava ['ava]

Estes resultados estão em conformidade com os presentes na literatura, os quais também revelam que /l/ quando está nessa posição silábica, raramente sofre o processo de semivocalização. As pesquisas sobre aquisição da fonologia do PB têm apontado a tendência ao uso do zero fonético, nessa posição, em lugar dessa líquida até que passe a integrar o sistema fonológico das crianças.

Azambuja (1998), entre as idades de 2;0 e 4;0 anos, argumenta que para o /l/ o apagamento é o processo mais significativo, em seguida aparece a semivocalização e raras vezes ocorre a substituição por outro segmento. Nos resultados de A. a estratégia mais produtiva é a semivocalização. Das 92 produções, em que na língua adulta tem a presença do /l/, A. produziu 52 delas semivocalizando e 40 apagando, e como já descrito acima esse apagamento ocorreu na grande maioria das vezes em ataque absoluto. Nos nossos resultados não teve nenhum caso de substituição. Talvez pelo fato de a idade nos dados da autora ser anterior à nossa deu essa diferença nos resultados.

Hernandorena e Lamprecht (1997) mostram que a lateral alveolar /l/ é adquirida primeiro em posição de ataque absoluto, aos 2;8 e aos 3;0 é dominada em ataque medial. Os resultados de A. mostram aquisição simultânea em ambas as posições silábicas aos 3;1.

Os resultados do **Quadro 2** revelam que A., na idade entre 3;1 e 3;5, faz uso do apagamento, da semivocalização e da substituição como estratégias de reparo.

Quadro 2- aplicação de estratégias de reparo por A. com idade entre 3;1 e 3;5

	Apagamento/ produções	Semivocalização/ Produções	Substituição/ produções	Segmento correto/ produções
/l/	4/71	2/71	0/71	65/71
/ʎ/	3/20	3/20	10/20	4/20
/r/	7/74	3/74	64/74	0/74

As estratégias de apagamento e semivocalização estiveram presentes somente aos 3;1. A partir dessa idade a substituição de /r/ e /ʎ/ por /l/ apareceu de forma sistemática.

Azambuja (1998) observa, no processo de domínio de /ʎ/, que a substituição por /l/ é o processo mais significativo, seguido pela semivocalização e por último o apagamento. Somando as produções de /ʎ/ dos **Quadros 1 e 2** temos 45 ocorrências, das quais 24 vezes A. semivocalizou, 10 vezes substituiu e apagou somente em 7 palavras. Nos dados de A. quando ele adquire o /l/ a substituição passa a ser a estratégia mais utilizada, mas antes desse momento a semivocalização é o processo mais produtivo. Para essa consoante as diferenças, entre os nossos resultados e os da autora, ocorreram porque as produções com a presença do /ʎ/ no **Quadro 2** foram menores que no **Quadro 1**, ocasião na qual A. não tinha ainda o /l/ em seu sistema. Assim como em Azambuja o apagamento mostrou baixa incidência nos dados de A., e esteve presente somente nos

contextos em que a lateral palatal era precedida ou seguida de /i/, por exemplo, ‘milho’ que foi produzido [‘miʊ].

Azambuja (1998 *apud* MEZZOMO & RIBAS, 2004) argumenta que o /ʎ/ pode ser considerado dominado somente aos 3;6. Hernandorena e Lamprecht (1997) postulam uma idade um pouco mais tardia, aos 4;0. Os resultados de A. estão em conformidade com os de Azambuja. Aos 3;5 A. começou a produção de /ʎ/ em algumas palavras, como por exemplo, ‘olho’ [o‘ʎu] e aos 3;6 a lateral palatal começou ser usada de maneira sistemática.

Os dados do **Quadro 3** revelam que A., na idade entre 3;6 e 4;5, faz uso somente da substituição como estratégia de reparo.

Quadro 3- aplicação de estratégias de reparo por A. com idade entre 3;6 e 4;5

	Apagamento/ produções	Semivocalização/ Produções	Substituição/ produções	Segmento correto/ produções
/l/	0/109	0/109	0/109	109/109
/ʎ/	0/45	0/45	0/45	45/45
/r/	0/171	0/171	137/171	34/171

Aos 3;6 /l/ e /ʎ/ já fazem parte do inventário fonológico de A., por esse motivo, no **Quadro 3** todas a produções desses fonemas foi como a da língua adulta. E o /r/ sofreu somente o processo de substituição pelo /l/ até seu domínio completo.

Azambuja (1998) observou que a substituição do /r/ por /l/ é alta entre 2;0 e 2;7; a semivocalização é baixa em substituição à vibrante coronal; e o apagamento ocorre raras vezes. Nos resultados de A., somando os 3 quadros, totalizando 327 realizações. Em 57 produções foi observada a estratégia de semivocalização, ocorrendo a substituição pelo glide [j] até os 3;1. A substituição ocorreu em 201 palavras, porém contrariamente ao que foi observado por Azambuja que defende que a substituição do /r/ por /l/ é alta entre 2;0 e 2;7, nos dados de A. a estratégia de substituir o /r/ pelo /l/ começou a partir dos 3;1, quando A. passou a ter /l/ em seu sistema. Assim como para as outras consoantes da classe, o apagamento do /r/ ocorreu nos ambientes em que a vibrante era precedida ou seguida de /i/, por exemplo, ‘queria’ que foi produzido [ke‘ja].

A líquida não-lateral /r/ na posição de ataque simples está adquirida aos 4;2 de acordo com Hernandorena e Lamprecht (1997). Nos resultados de A. pudemos observar o início da produção do /r/ aos 4;1 com a palavra ‘dinossauro’. Aos 4;2, a produção da vibrante ainda oscilava

entre produções corretas e substituição por /l/, como por exemplo, ‘câmera’ que na mesma coleta foi produzida ora como na língua adulta, ora substituindo por /l/. Aos 4;3 a produção correta apareceu de forma sistemática.

Tendo os dados dos autores citados e os resultados do nosso informante, passemos nesse momento às elucidações dos questionamentos.

7. Possíveis respostas

Depois de analisado os dados, temos a resposta da primeira pergunta: (a) aos três fonemas líquidos em estudo é aplicado o processo de semivocalização? O alto número de semivocalizações observadas no **Quadro 1** nos possibilita responder que sim. Das 92 produções em que na língua-alvo tem o /l/, A. semivocalizou em 52 delas; das 25 palavras em que na língua adulta tem o /ʎ/, A. utilizou o glide /j/ em 21 delas; e finalmente, das 82 realizações em que tem o /r/, A. fez uso da estratégia de semivocalização em 54 palavras. Portanto, os nossos resultados estão em conformidade com os presentes na literatura, a utilização de glide em substituição às líquidas é comum na fase inicial da aquisição dessa classe consonantal. Isso se deve ao fato dos vocóides serem adquiridos mais precocemente do que os fonemas líquidos. E também porque glides e líquidas integram uma mesma classe de segmentos, ou seja, dos segmentos [+soante, +aproximante].

Quanto à segunda pergunta: (b) os dois glides – [j] e [w] – são empregados em lugar de líquidas? Nos nossos dados não foi encontrado nenhum caso em que A. fez uso do glide [w]. Azambuja (1998) diz que pode ocorrer semivocalização por [w], porém é pouco produtivo, e ratifica dizendo que este processo é fortemente representado pelo glide [j]. Como já falamos na introdução deste trabalho, alguns fonemas são empregados no lugar de outros e, quando isso acontece, esses segmentos ‘substitutos’ pertencem à mesma classe fonológica do segmento-alvo. Tendo como base essa afirmação, acreditamos que o emprego do glide [j] seja superior porque este segmento é semelhante às líquidas quanto à composição de traços, ou seja, assim como as líquidas o glide /j/ é um segmento [+coronal]. Já o glide /w/ tem o traço [+dorsal] por isso o baixo uso deste segmento.

Tratando ainda da estratégia de semivocalização, passamos para a terceira pergunta: (c) o processo de semivocalização ocorre no ataque ab-

soluto e no medial? De acordo com os resultados de A. e os encontrados na literatura o processo de substituição pelo glide [j] é comum no ataque medial, sendo raro no ataque absoluto. Todavia a partir dessa resposta mais uma pergunta surge: Por que a semivocalização em posição de ataque absoluto é rara?

A resposta para a pergunta acima, provavelmente, seja a de que é raro no português o início de palavras com ditongos iniciados por /i/. Fazendo uma contagem em um dicionário encontramos um pouco mais de 20 palavras iniciadas com /i/ seguida por outra vogal, por exemplo, ‘ioga’, ‘iate’, ‘iene’. E uma única que faz parte do vocabulário de uma criança em fase de aquisição, ‘iogurte’. Então, a não produtividade desses encontros vocálicos em início de palavra pode ser a explicação de a criança usar a estratégia do apagamento e não da semivocalização.

Há uma tendência em preservar a identidade do segmento que está sendo substituído, na qual o maior número possível de traços é mantido, Lamprecht (2004). É com essa afirmação que começamos a responder a questão quatro: (d) a estratégia de substituição ocorre nos três segmentos em estudo? Nos dados de A. para a lateral /l/ não foi observada nenhuma substituição por outro segmento. Já para o /ʌ/ e /r/ a estratégia de substituição apareceu de forma sistemática a partir dos 3;1, idade em que A. tem no seu inventário fonológico o /l/, mantendo dessa maneira um segmento que integra a mesma classe do segmento-alvo, isto é, /l/ partilha com /r/ e /ʌ/ os seguintes traços: [+soante, +aproximante, +coronal, +contínuo]. Para completar, Hernandorena e Lamprecht (1997 apud Mezzomo e Ribas, 2004) afirmam que o /l/ é a consoante prototípica dessa classe, pois é capaz de substituir outras líquidas, tanto no ataque absoluto quanto no medial.

Com o que foi exposto acima podemos responder a pergunta cinco: (e) o contexto interfere no tipo de estratégia de reparo utilizada? Sim, o contexto interfere, quando o segmento líquido [l] está em posição de ataque absoluto ocorre o apagamento. Outro ambiente que propicia o apagamento é quando as três líquidas, em posição de ataque medial, são precedidas ou seguidas por [i]. O glide /j/ tem as características do fonema /i/ que é uma vogal alta, ou seja, em sua realização a língua atinge maior altura. Por isso que nos contextos que tem a presença do [i] e dado que este segmento tem os mesmos traços daquele que seria o substituto do segmento líquido, leia-se o glide [j], a criança apaga este segmento. Em todos os outros contextos de ataque medial ocorre a semivocalização

do /l/, /ʎ/ e /r/. E como já exposto acima quando a criança passa a ter o /l/ em seu sistema ocorre a substituição das outras líquidas.

Os resultados de A. mostram que o apagamento das líquidas em ambientes com a presença do [i] é recorrente. Eis então que surge a questão seis: (f) pode ocorrer alongamento compensatório nos ambientes que ocorre o apagamento? É possível constatar perceptualmente que há um alongamento da vogal quando não há realização do segmento líquido. Exemplos das produções de A. que se percebe o alongamento da vogal [i] pode ser visto em (8):

(8) delícia [de' i: sia]
bateria [bate' i: a]
filho ['fi: u]

Esse alongamento, chamado de compensatório, é a comprovação de que a criança tem conhecimento da duração sílaba, embora ainda não produza essa estrutura na fala, isto é, esse alongamento preserva a unidade temporal da sílaba através do preenchimento do tempo com o aumento da duração da vogal.

E para finalizar temos de responder a pergunta sete: (g) porque a criança adquire as líquidas em idades diferentes e de maneira gradual? A criança adquire os sons de sua língua materna à medida que constrói a estrutura interna dos segmentos. E essa construção, que é gradual, parte dos traços não-marcados em direção ao que é marcado. Matzenauer-Hernandorena (96, 2001 *apud* MATZENAUER, 2004)

Durante a aquisição das líquidas, a semivocalização figura como umas das principais estratégias de reparo, e esse processo ocorre porque a criança tem todos traços não-marcados – [+soante, +aproximante, +vocoide] – do segmento vocálico /j/ no seu inventário desde muito cedo. E ocorre também porque as líquidas estão mais próximas das vogais, pois a sua articulação não impede nem constrange a passagem do ar, como ocorre com as fricativas e oclusivas.

As líquidas partilham dos mesmos traços das vogais no nó de raiz. Excetuando o traço [vocoide]. A criança, para aquisição do /l/, deve partir do traço não-marcado [+vocoide] presente no glide /j/ e marcar o traço [-vocoide] para a aquisição do /l/.

A lateral /l/ é considerada a líquida com traços não-marcados em relação aos outros segmentos que compõem essa classe. Por isso a substituição de /l/ por /ʎ/ em certo momento da aquisição está presente. Porque

o segmento /ʎ/ é igual a /l/ em todos os traços, somente o traço [anterior] que difere esses fonemas. A criança tem o traço não-marcado [+anterior] presente na lateral alveolar /l/ e deve marcá-lo como [-anterior] para ter a lateral palatal /ʎ/ em seu inventário. Por isso o /l/ por conter o valor não-marcado [+anterior], é empregado em lugar do /ʎ/. Este dado evidencia que, na fonologia dessa criança, a oposição fonológica definida no sistema da língua por [+/- anterior] ainda não se mostra estabelecida. (LAM-PRECH, 2004).

Para a aquisição do /r/ a criança deve partir do traço não-marcado [+lateral] presente no /l/ e marcar o traço [-lateral], e assim produzir a vibrante /r/, por isso, há a tendência à aquisição de líquida lateral /l/ antes da líquida não-lateral /r/.

Com o exposto acima podemos afirmar que há um ordenamento na aquisição dos fonemas que integram o sistema fonológico da língua-alvo. A criança adquire os fonemas da língua gradativamente pela construção, também gradual, da estrutura interna dos segmentos. A aquisição dos traços marcados a partir dos não-marcados se configura como a construção, passo a passo, da constituição da estrutura interna dos segmentos da língua, ou seja, nas línguas se observa uma hierarquia de traços, e a existência de um traço marcado implica, necessariamente, a ocorrência de um traço não-marcado.

Para adquirir os segmentos da língua, “a criança começa com um conjunto de traços não-marcados e as especificações dos traços marcados dão-se gradativamente através de pistas que o aprendiz deve procurar nos dados”. (MOTTA, p. 114)

A classe das líquidas é a última a se estabilizar no inventário fonológico infantil devido à complexidade destes segmentos, pois é necessária a especificação de um maior número de traços marcados.

8. Conclusão

A criança em fase de aquisição, para atender as limitações na sua capacidade de articulação, de planejamento motor, de memória fonológica e de marcação dos traços fonológicos, simplifica as suas produções num movimento natural de adaptação da língua adulta às suas capacidades. Essas adequações constituem as estratégias de reparo, isto é, estratégias destinadas a resolver o conflito da melhor maneira possível para o estágio de desenvolvimento em que a criança pequena se encontra.

De acordo com Fletcher e MacWhinney (data) se a palavra-alvo não fizer parte do conjunto de formas canônicas que a criança já domina, ela pode ser tentada ou evitada. Caso faça uma tentativa de reproduzi-la, a criança pode adaptar a palavra omitindo, modificando ou rearranjando alguns de seus sons, de forma a ajustar-se a uma forma canônica disponível.

E com os dados de A. e os presentes na literatura utilizada por nós, comprovamos que essas adaptações são observadas no processo de aquisição das líquidas que passam por apagamento, semivocalização e substituição até a aquisição completa dessa classe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAMPRECHT, Regina Ritter. (Org.). *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

LISE, Menn; STOEL-GAMMON, Carol. Desenvolvimento fonológico. In: FLETCHER, Paul, MACWHINNEY, Brian. *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. Bases para o entendimento da aquisição fonológica. In: LAMPRECHT, Regina R. (Org.). *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: ARTMED, 2004, p. 33-53.

MEZZOMO, Carolina; RIBAS, Letícia. Sobre a aquisição das líquidas. In: LAMPRECHT, Regina R. (Org.). *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: ARTMED, 2004, p. 95-109.

MOTA, Helena Bolli. Os caminhos na aquisição segmental do português. In: LAMPRECHT, Regina R. (Org.). *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 95-116.